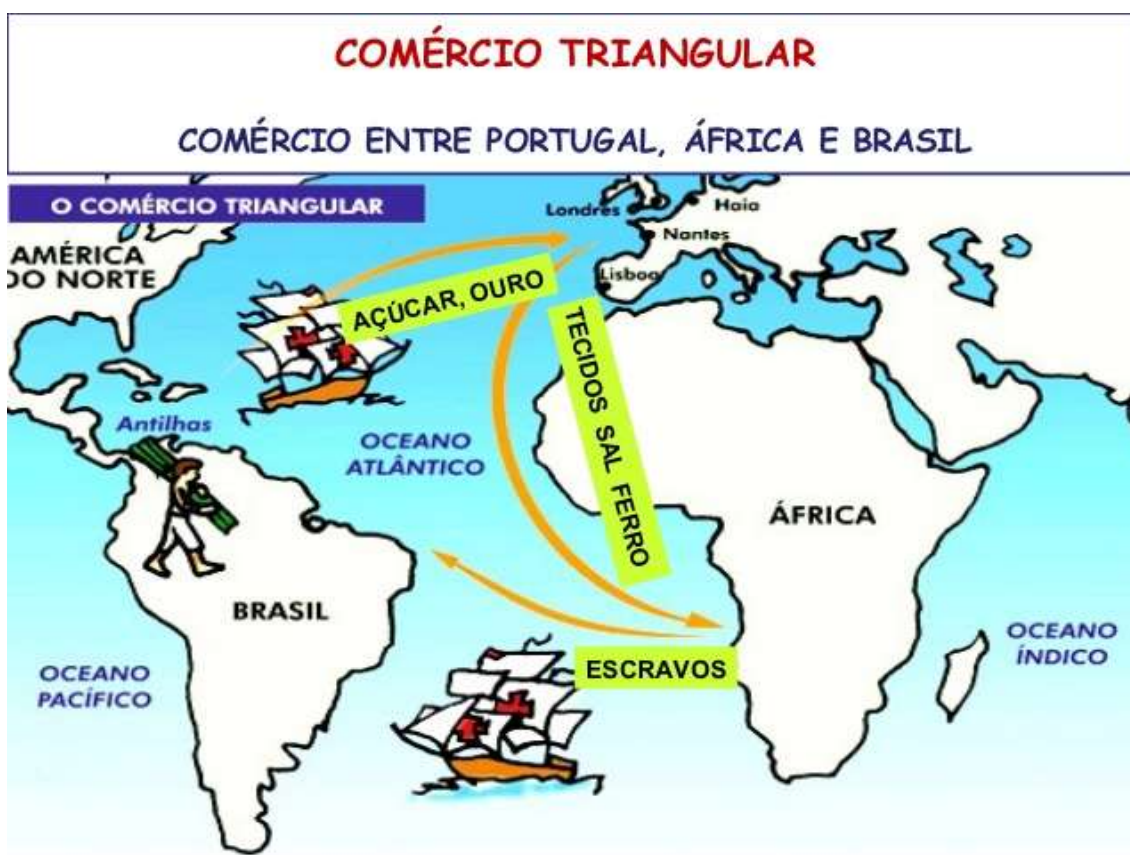


Escravos — a palavra designa uma condição servil imposta a um ser humano. A escravatura está sempre presente ao longo da história. Os prisioneiros de guerra são feitos escravos assim como as populações das regiões conquistadas. No entanto, os escravos que usaram a peça exposta são outros. São os escravos vítimas do **tráfico negroiro**, principal fonte propulsora do Comércio Triangular entre a Europa, África e América.

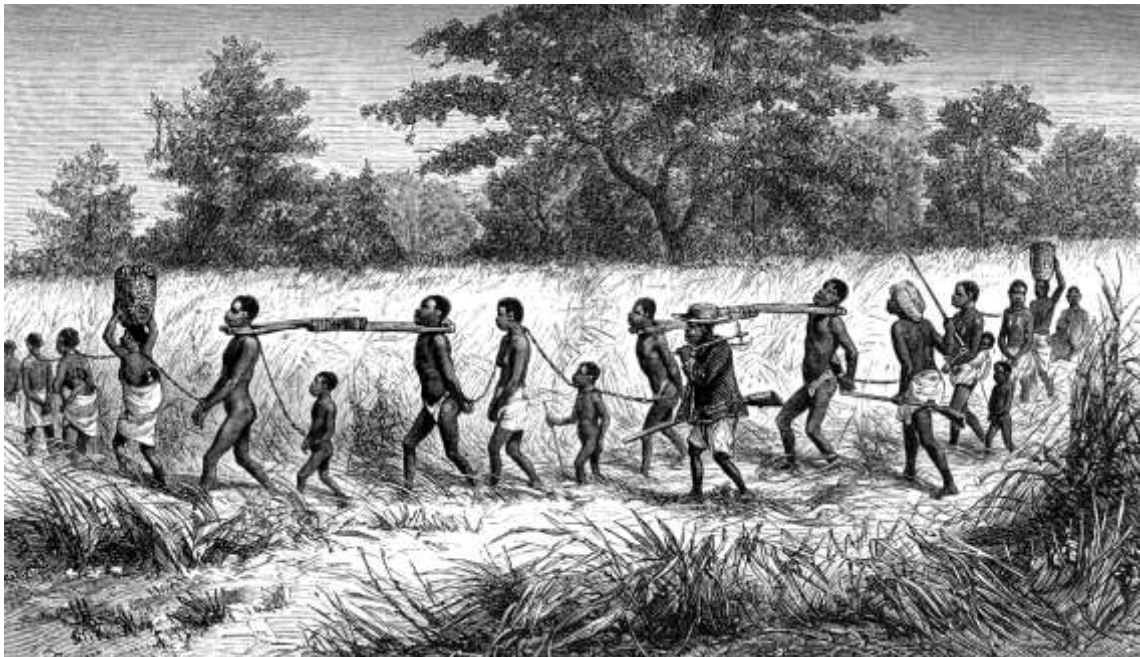


A partir de meados do século XV, milhões de negros —homens, mulheres e crianças— são trocados em África por produtos europeus. Os comerciantes e intermediários são Europeus e Africanos. Mas só os primeiros sabiam que a palavra “escravo” não tinha mais o mesmo significado. Só eles sabiam que o destino desta “mercadoria” eram as diferentes colónias europeias existentes no continente americano.

O tráfico negroiro constitui uma das páginas mais trágicas da história da humanidade. Quatro séculos de terror e de humilhação. Seres humanos capturados, acorrentados, deportados, vendidos como mercadoria, explorados, torturados. O tráfico negroiro foi tão só o maior movimento de deportação de toda a história da humanidade. Dez milhões? Vinte? Não se sabe ao certo.

Só em 2001, na *Conferência de Durban contra o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e a intolerância*, **o tráfico negroiro foi reconhecido como crime contra a humanidade**. Na mesma conferência em que ficou registado terem sido os Portugueses os pioneiros do tráfico transatlântico de escravos.

A Captura



O transporte

UM NAVIO NEGREIRO DO SÉCULO XIX
Em navios negreiros — ou tumbentos — mais de 11 milhões de africanos foram traficados para a América. Europeus, americanos e até negros se metiam no “infame comércio”. Como não havia navios fabricados só para o comércio de escravos, pelo menos 60 tipos de embarcações já foram identificadas como tumbentos adaptados. No século XIX, os navios ficaram menores e mais velozes, à medida que o tráfico se tornou ilegal e passou a ser perseguido pela política antiescravista dos ingleses.

DANÇA TRISTE
Alguns traficantes levavam grupos de escravos para o convés e os obrigavam a dançar e cantar sob a ameaça da chicote.

O MEDO DAS CRIANÇAS
Além dos castigos físicos, algumas crianças podiam circular pelo convés. Muitos jovens, pensando que seriam vendidos, choravam e gritavam no navio.

POR QUE O DESERTO?
A sede deixava todos desesperados. Entre fozes e temperaturas de até 55 °C, os escravos comiam apenas milho e bebiam só meio litro de água por dia.

RESISTÊNCIA NEGRA
Algumas revoltas resultaram na conquista do navio pelos escravos, como a do Amistad, em 1839. Outras, como a do Kentucky, em 1843, acabaram com a morte de todos os escravos rebeldes, cujos corpos foram lançados ao mar.

LAVATÓRIO

AS SEIS PRINCIPAIS ROTAS NEGREIRAS*

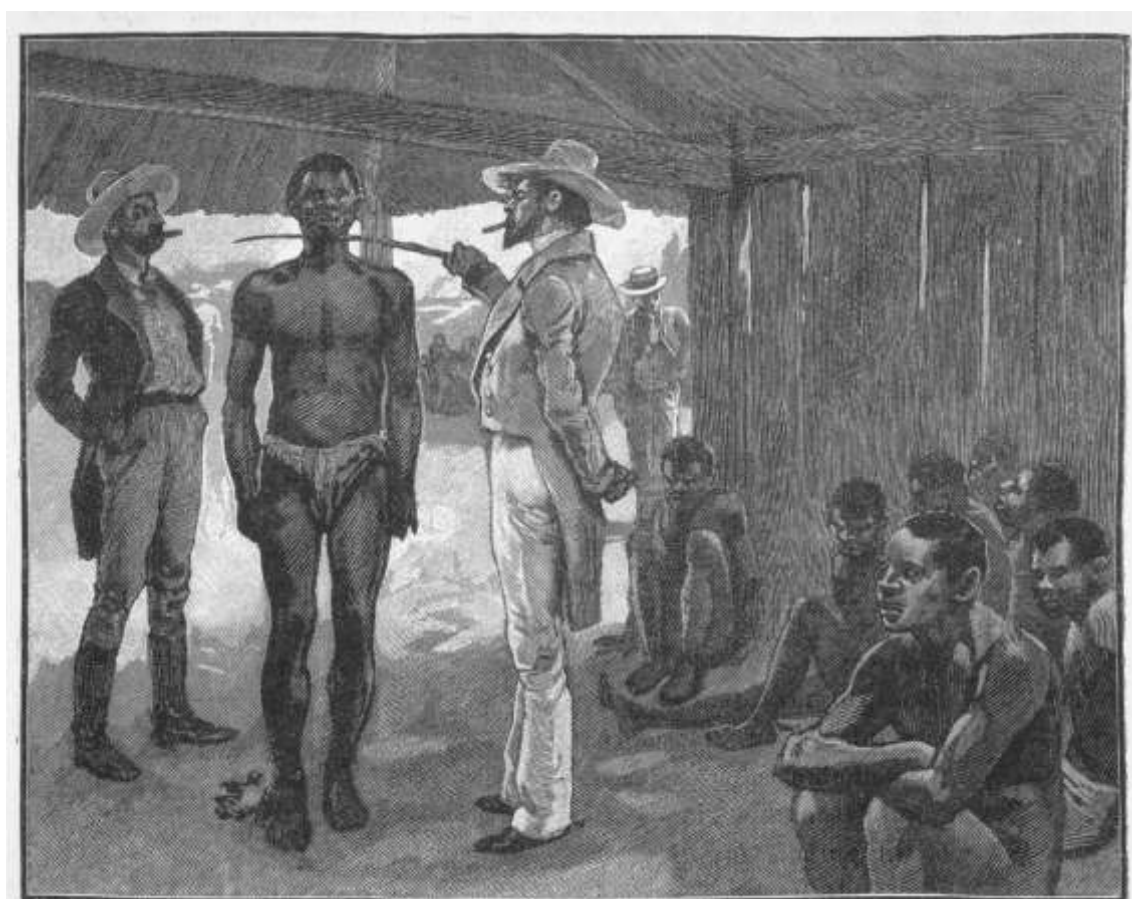
ESCRAVOS QUE CHEGARAM
1. América do Norte - 47 mil
2. Caribe - 102 mil
3. América do Sul - 48 mil
4. Europa - 61 mil
5. África - 111 mil
6. Outros - 801 mil

ESCRAVOS QUE SANARAM
A. Seta para - 48 mil
B. Seta para - 11 mil
C. Seta para - 111 mil
D. Seta para - 111 mil
E. Seta para - 111 mil
F. Seta para - 111 mil

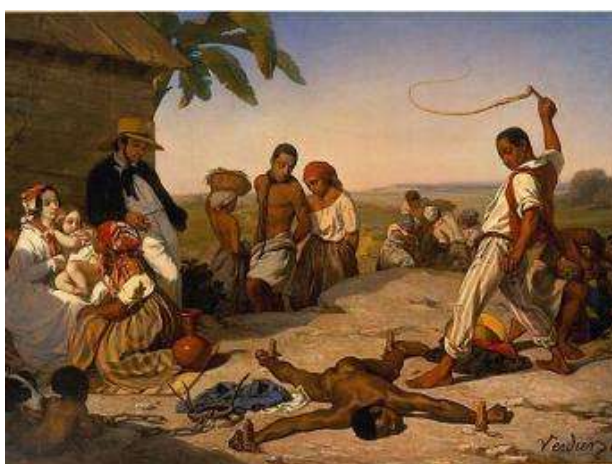
SUJEIRA E DOENÇAS
Para lavar a boca, os escravos faziam bochechos com sangue. Para limpar a roupa, só podiam se enfiar em água quente (como a água da chuva). Com infecções resistentes e intestinais, os que não morriam chegavam hinchados ou negros.

SEM ESPAÇO PARA RESPIRAR
Os traficantes deixavam a porca em três poleiros, com alguns de medo de medo morto. Alguns pelos pes, mais de quarenta, estavam se enfiando dentro ou sentados.

A venda



Os castigos



As “ferramentas”



O papel de Portugal no tráfico negreiro

As primeiras razias portuguesas na costa africana aprisionando população negra ter-se-iam realizado em 1444. Na sua ***Crónica da Guiné***, Gomes Eanes de Zurara, indica ter sido o navegador Dinis Dias, cumprindo Instruções do Infante, o primeiro cristão a capturar negros na sua própria terra.

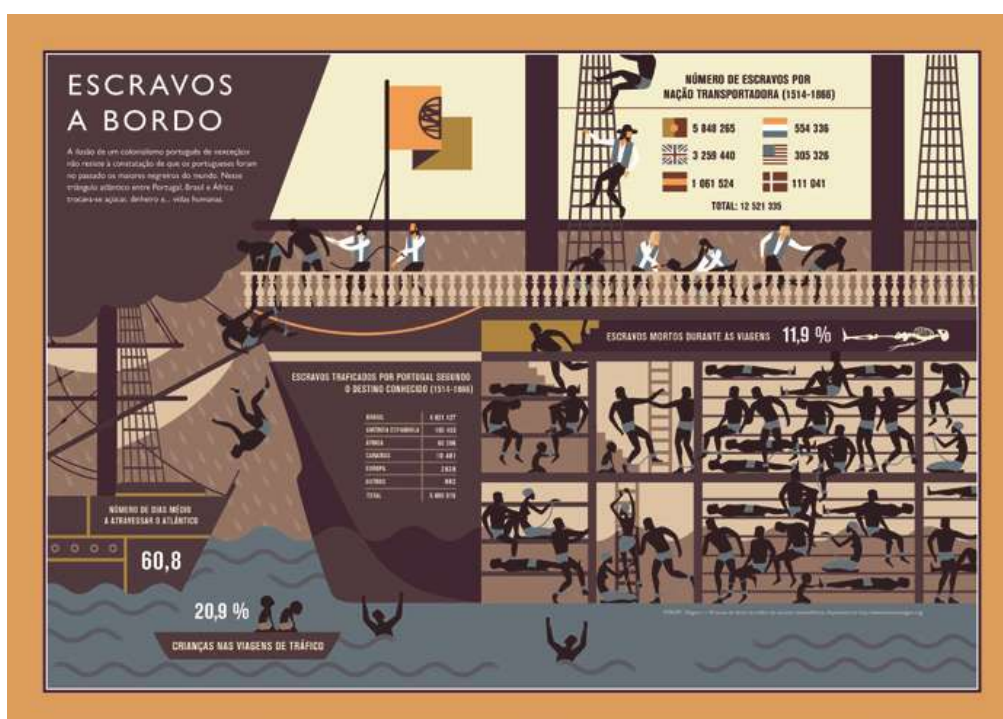
Podemos afirmar que o primeiro grande carregamento e partilha de cativos – que se haviam de transformar em escravos – se verificou em Lagos, a 8 de Agosto de 1444, cerimónia que contou com a presença de muita população e que foi presidida pela figura tutelar do Infante D. Henrique (...). É Zurara quem descreve com pormenor essa operação fundadora de um processo económico e social que irá marcar profundamente a sociedade portuguesa.

Isabel Castro Henriques.

Em Lagos, junto à Cerca Nova, no Vale da Gafaria, em 2009, foram encontrados 150 esqueletos que se revelaram ser de escravos africanos do século XV. Trata-se, até aos nossos dias, do **cemitério de escravos africanos mais antigo em todo o mundo. O único em toda a Europa.**

As plantações de açúcar no Brasil estão na origem das primeiras viagens logo a partir do século XV. Pouco depois, o tráfico negreiro já era considerado uma “especialidade” dos Portugueses que forneciam escravos também aos Espanhóis que pagavam bem esta mão-de-obra que muito rapidamente substituiu as populações ameríndias exterminadas. Rio de Janeiro é o primeiro porto negreiro no século XVIII, na mesma época em que toda a economia europeia repousa essencialmente sobre o comércio triangular.

É comum referir-se que Portugal foi o primeiro país a abolir a escravatura por causa do decreto do Marquês de Pombal de 1761. Mas o seu único objetivo era que não fossem desviados escravos do Brasil onde eram essenciais ao desenvolvimento económico. Por outro lado, com o processo de colonização em África, era também cada vez mais necessário explorar a mão-de-obra dentro do próprio território.



Era uma vez um escravo pp. 169, 170.

A este Carvalho, para o distinguir, acrescentavam-lhe antigamente Óbidos: Carvalho de Óbidos. Há aqui uma torre a que chamavam dos Lafetás, por assim ser conhecida uma família cremonense vinda a Portugal no final do século XV e que aqui teve esse e outros bens. Quando se diz que veio essa família a Portugal, não se pretende afirmar que viesse toda. Eram banqueiros riquíssimos, poderosa companhia mercantil internacional desse século e do seguinte, com negócios em Portugal, Espanha, França, Inglaterra e Flandres. Credores de reis, contratadores de pimenta e açúcar, os Affaitati vêm a esta viagem para lembrar que **os descobrimentos foram também um gigantesco negócio, e sobretudo por causa de um escravo que neste Carvalho tiveram**. Na torre que aqui está foi em tempos encontrada uma coleira com dizeres gravados, os quais assim rezavam: “Este preto he de Agostinho de Lafetá do Carvalho de Óbidos.” O viajante não sabe mais nada do escravo preto, a quem a coleira só deve ter sido tirada depois que morreu. Foi deixada aí pelos cantos, brincaram talvez com ela os filhos de Agostinho de Lafetá e de sua mulher, D. Maria de Távora, e pelo modelo se terão feito as que serviram aos cães e que até hoje se usaram: “Chamo-me Piloto. No caso de me perder, avisem o meu dono.” E depois vem a morada e o número de telefone. E ainda assim houve progressos. **Na coleira do escravo de Agostinho de Lafetá nem sequer se mencionava o nome. Como se sabe, um escravo não tem nome. Por isso, quando morre, não deixa nada. Só a coleira, que ficava pronta para servir a outro escravo**. Quem sabe, pergunta o viajante fascinado, a quantos escravos teria ela servido, sempre a mesma, enquanto houve pescoço de escravo em que servisse? O viajante tem informação de que a coleira está em Lisboa, no Museu de Arqueologia e de Etnografia. A si mesmo promete, com a solenidade adequada ao caso, que será a primeira coisa que há-de ver quando chegar a Lisboa. Cidade tão grande, tão rica, tão afamada, onde todos os Lafetás de dentro e de fora fizeram os seus muitos negócios, pode ser principiada de muitas maneiras. O viajante começará por uma coleira de escravo.

(...)

Dizem que é coisa boa pp. 176, 177.

Cá está a coleira. O viajante disse e cumpriu: mal entrasse em Lisboa iria ao Museu de Arqueologia e de Etnologia à procura da falada coleira usada pelo escravo dos Lafetás. Podem-se ler os dizeres: “Este preto he de Agostinho de Lafetá do Carvalho de Óbidos.” O viajante repete uma vez e outra para que fique gravado nas memórias esquecidas. **Este objecto, se é preciso dar-lhe um preço, vale milhões e milhões de contos, tanto como os Jerónimos aqui ao lado, a Torre de Belém, o palácio do presidente, os coches por junto e atacado, provavelmente toda a cidade de Lisboa**. Esta coleira, é mesmo uma coleira, repare-se bem, andou no pescoço dum homem, chupou-lhe o suor, e talvez algum sangue, de chibata que devia ir ao lombo e errou o caminho. Agradece o viajante muito do seu coração a quem recolheu e não destruiu a prova de um grande crime. Contudo, uma vez que não tem calado sugestões, por tolas que pareçam, dará agora mais uma, que **seria colocar a coleira do preto de Agostinho de Lafetá numa sala em que nada mais houvesse, apenas ela, para que nenhum visitante pudesse ser distraído e dizer depois que não viu**.

SARAMAGO, José, *Viagem a Portugal*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1981, 1ª edição.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and extend across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.